

Para uma Internet política das subjetivações

For an Internet politics of subjectivations

Henrique Antoun

Professor Associado 4 da Escola de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação da UFRJ. Coordenador do Grupo CIBERCULT - Laboratório de pesquisa em comunicação distribuída e transformação política; coordenador do Grupo CIBERIDEA - Núcleo de pesquisa em tecnologia, cultura e subjetividade e coordenador do Projeto de Pesquisa Mediação, Mobilização e Governamentalidade: O problema da democracia na cibercultura (SR2 nº. 23617, CNPq PQ 2 nº. 308479/2012-2) cujo tema era analisar as transformações na mediação a partir do impacto da Web 2.0 com o crescimento da mobilização política e seu impacto nas relações de si para consigo. Entre sua principais publicações está o livro publicado com o Professor Fábio Malini *A Internet e a Rua: Ciberativismo e mobilização nas redes sociais* (Sulina, 2013); a organização da coletânea *Web 2.0: Participação e vigilância na era da comunicação distribuída* (Mauad, 2008) e o artigo com o professor Fábio Malini "Ontologie de la Liberté Dans les Réseaux: la guerre des récits sur l'internet et la lutte sociale dans la démocratie" na revista *Multitudes*, hors-série, 2010, p. 184-197.

E-mail: henrique.antoun@eco.ufrj.br

SUBMETIDO EM: 22/05/2015

ACEITO EM: 10/09/2015

DOSSIÊ

RESUMO

O trabalho se propõe pensar uma Internet das subjetivações como contrapartida à Internet das coisas. Trata-se de considerar a possibilidade da constituição de uma relação consigo de um sujeito através da exploração de técnicas de si historicamente constituídas que se compõem com técnicas de dominação igualmente datadas. Duas interrogações serão desenvolvidas sobre a possibilidade de uma dobra dos processos de subjetivação sobre os procedimentos de sujeição para construir uma genealogia onde o sujeito não seja um produto passivo das técnicas de dominação.

PALAVRAS-CHAVE: Biopolítica, Cibercultura, Genealogia, Internet, Subjetivação.

ABSTRACT

The paper proposition is to think an Internet of subjectivation as a counterpart of the Internet of things. We take on concern the possibility of the subject constitute a relation to himself through historically identifiable techniques of self which combine with historically datable techniques of domination. Two questions will be developed on the possibility of a fold of processes of subjectivation over procedures of subjection to build a genealogy where the subject was not the passive product of techniques of domination.

KEYWORDS: Biopolitic, Cyberculture, Genealogy, Internet, Subjectivation.

O EZLN tem um novo Subcomandante responsável pela comunicação do grupo chamado Moisés. Difícil ignorar o sentido religioso e histórico deste nome. Seu estilo troca a mito-poesia do Subcomandante Marcos (MARCOS, 1997, on line) pela contundência convocatória das palavras de ordem da insurgência revolucionárias. Enfatiza a dimensão indígena do movimento e esquece as ONGs, Universidades e grupos afins, como o software livre. Esta nova voz do movimento convoca a lembrança dos mortos contra o esquecimento de seu sofrimento. (MOISÉS, 2015) Uma clara convocação ao ódio e ao rancor contra a invenção e alegria como motores da luta. A impressão é a de que o nietzscheanismo de Deleuze-Guattari foi posto de lado e um leninismo Negriano passou para o primeiro plano, como já se vê em outras lutas no Brasil e no mundo. Esquecem-se, talvez, da paralisia que o ressentimento e a má consciência podem gerar, ambos sendo expressão do divórcio entre ódio e rancor e a invenção e a alegria nas estratégias das lutas por liberdade.

Parece que o funesto divórcio entre a luta de guerrilha e as lutas libertárias da subjetivação está para se consumir outra vez. Que se possa lembrar, nada se ganhou nas lutas de resistência através deste divórcio nos anos 70, que não a aprovação pela opinião pública dos processos violentos de liquidação política que dizimaram Wounded Knee, Panteras Negras e Autonomia Operária entre outros grupos. Em compensação foram as lutas libertárias de subjetivação quem nos anos 60 inventaram o propalado trabalho imaterial como formação cultural mundial e modo de vida independente, com seus coletivos de música, de cinema independente e de programas audiovisuais. A começar pelo verão do amor que em 1967 uniu coletivos de música americanos e londrinos em um festival e gerou o movimento que incendiou a resistência mundial contra a guerra do Vietnam.

Alimentar sectarismo e maniqueísmo nas lutas de resistência é uma atitude funesta nos movimentos de libertação. Divide, subtrai e enfraquece. Não se trata de criticar os grupos que afirmam sua diferença e independência. Trata-se da crítica de linhas de ação e pensamento que passam a privilegiar os processos de denúncia, perseguição e liquidação de outros grupos de luta ao invés de aceitar a inclusão e o compartilhamento. Um bom exemplo é a luta por uma nova política na Espanha dos anos 30. A entrada do exército de Stalin ocasionou, antes de sua derrocada para o exército hitlerista e o franquismo, a destruição do anarquismo espanhol, tornado alvo do comunismo estalinista como inimigo a ser eliminado do processo de luta. Hoje, quando se vê a Praça do Sol, o 15M e o Podemos, com sua inspiração libertária, inventar novas formas de atuação política e novas brechas na luta espanhola, explorando o potencial inventivo e revolucionário dos novos e velhos meios comunicacionais, (ALCAIDE, 2011, on line) cabe perguntar porque o Zapatismo enquanto um movimento que inaugurou essa exploração agora a descarta como coisa velha e gasta? Cabe pensar ainda qual o sentido e o acontecimento envolvidos neste possível divórcio.

1. A Internet das subjetivações

A partir deste acontecimento e das indagações que nascem dele pergunta-se: existiria uma Internet das subjetivações? Paralela e mesmo contraposta à esta Internet das coisas, onde grandes sistemas de controle e monitoramento de bilhões de actantes recolhem e mineram seus gigantescos dados, existiria uma outra Internet capaz de ancorar práticas de si que exploram a autonomia relativa que pode ser alcançada com

as técnicas do eu? Não se trata de postular uma liberdade natural de um sujeito que esteja além dos processos de normalização social e dos sistemas de alienação identitária presentes na história. Não se deseja propor um sujeito capaz de auto-criar sua liberdade em um éter a-histórico de pura autoconstituição. Pensa-se na constituição de uma relação consigo de um sujeito através da exploração de técnicas de si historicamente constituídas que se compõem com técnicas de dominação também datadas. Nesta hipótese o sujeito emergiria no entrecruzamento de uma técnica de dominação e uma técnica de si. (GROS, 2004, p. 637)

Para explorar esta hipótese sobre a Internet das subjetivações dá-se privilégio ao caráter pedagógico possível elaborado através de uma educação informal emergente quando as lutas conduzidas pela comunicação distribuída em rede interativa se encontra com a potência emancipadora de conscientização presente nas lutas políticas coletivas dos movimentos sociais. Uma temática tão rica e abrangente oferece ao mesmo tempo um poderoso desafio ao pesquisador. Como abrigar a complexa riqueza do tema tendo de fazer nele recortes capazes de pô-lo em uma perspectiva apta a desenvolver o trabalho do conhecimento? Encontrar o movimento de corte que abrigue esta complexidade sem sacrificá-la no altar da ciência é uma busca com um pé na metodologia e outro na arte da composição.

Este debate envolve o poder de mobilização e transformação trazido pelo uso das redes interativas de comunicação distribuída como a Internet e os serviços comunicacionais construídos em sua superfície topológica. A pesquisa deve ser capaz de apontar diálogos e veredas que possam enriquecer seu porvir, ao mesmo tempo que colabora no traçado deste futuro ao assinalar as novas possíveis sendas por onde se pode aventurar. Pensar os aspectos pedagógicos que as práticas de si nascidas com o uso destes serviços geraram para os movimentos sociais é um grande desafio.

2. Das determinações às análises dos focos de experiência

Desde já enfrenta-se um duplo risco. O primeiro seria considerar que se está diante de um programa pedagógico informal promovido pelo meio de comunicação - tese de determinação tecnológica. O segundo seria afirmar que se está diante de educação gerada por novas práticas sociais trazidas pelas mudanças de ideologia, classe, status e inserção da sociedade capitalista imperial - tese de determinação sociológica. Para além dos problemas de fundo sobressai a própria questão: a Internet pode sustentar práticas de si que permitam uma dobra dos processos de subjetivação sobre os procedimentos de sujeição? Esta dobra poderia constituir um cuidado de si exprimindo-se nos movimentos de luta por mudanças na estrutura e nas práticas sociais? (GROS, 2004, p. 637)

Como a investigação pressupõe uma pedagogia nascida e construída a partir da interação dos movimentos sociais com os serviços de comunicação distribuída um outro problema brota a partir desta perspectiva. O trabalho visa analisar os sujeitos envolvidos na transformação histórica pelo viés de uma história das mentalidades que avaliaria os comportamentos efetivos em face das expressões que podem acompanhar esses comportamentos (precedência, sucessão, tradução, prescrição, mascaramento, justificação e etc.)? Ou visa analisar os supracitados sujeitos pelo viés de uma história das representações ou dos sistemas representativos? Este tipo de análise pode ter dois objetivos. Primeiro uma análise das funções representativas em relação ao objeto representado ou tema representativo resultando em uma análise das ideologias.

O segundo é a análise dos valores representativos de um sistema de representações resultando na análise das representações em função de um conhecimento considerado como critério de verdade. Em muitas análises e críticas a pesquisa vai se inclinar ora para um viés ideológico, ora para um viés de mentalidade, sem encontrar porto seguro em nenhum dos dois não logrando atingir seu objetivo. A proposta seria fazer uma análise do que Foucault cunhou como focos de experiência, mas para isso tem-se de abandonar o balanço entre o viés ideológico ou de mentalidade. (FOUCAULT, 2010, pp. 4-5)

Pensar um processo de iluminação conscientizadora nascido de uma pedagogia informal presente nas lutas histórico sociais nos leva a enfrentar o difícil problema de analisar a constituição do sujeito nos modos de subjetivação. Um dos caminhos a empreender - adotado pela filosofia analítica e positivismo - seria desenvolver esta avaliação sob a luz do conhecimento objetivo. O outro caminho seria uma nova análise através dos sistemas significantes empreendida pelo estruturalismo na lingüística, sociologia, psicanálise entre outros campos do conhecimento. Há ainda uma terceira via genealógica que visa recolocar o sujeito no domínio histórico das práticas e dos processos no qual ele está em permanente transformação. A terceira via flerta com os historiadores das "mentalidades", lhes rende homenagem mas difere de seus objetivos e objetos. Ela contraria igualmente historiadores que preferem a história dos objetos e filósofos que preferem o sujeito sem história. (GROS, 2004, pp. 636-637)

3. Genealogia e pragmática de si

Um dos principais riscos da genealogia é conceber o sujeito como o produto passivo das técnicas de dominação. Os processos sociais de normalização e os sistemas alienantes de identificação presentes nas experiências concretas das práticas sociais podem facilmente levar o pesquisador a esta conclusão. (GROS, 2004, p. 637) Mas aquele que acredita livrar-se deste risco invocando um humanismo marxista, tão fácil na teoria e quão assustador e fatal nas práticas históricas, envereda por via duvidosa ancorada em um princípio de transcendência. Buscar as formas de imanência do sujeito através dos focos de experiência implica em considerar a articulação, uns sobre os outros, das formas de um saber possível, as matrizes normativas de comportamentos para indivíduos e os modos de existência virtuais para sujeitos possíveis. Isto implica em substituir a história dos conhecimentos pela análise histórica das formas de veridicção, substituir a história das dominações pela análise histórica dos procedimentos de governamentalidade e substituir a teoria do sujeito ou a história da subjetividade pela análise histórica da pragmática de si e das formas adquiridas por ela. (FOUCAULT, 2010, pp. 41-42)

Na análise tradicional de esquerda sobre a mobilização social transformadora ora se privilegia a análise ideológica, ora se privilegia a análise da história das mentalidades. Embora esta avaliação precise de algo para além desta oscilação, ela se revela incapaz de o construir. Muitas vezes aponta para uma visão de causalidade histórica a partir da mentalidade do sujeito. Ou então se baseia na teoria marxista e retoma a análise da ideologia como principal foco. Mas ambas as análises se ancoram na pressuposição de um sujeito humano fundado no conhecimento histórico cuja ação se encontra pré-fundada nas teorias marxistas ou críticas do humanismo. E o caráter pedagógico emerge, neste viés, como um precipitado prático da desalienação humana, um subproduto da consciência emancipadora subjacente ao movimento histórico.

O caráter problemático do pós-humanismo da crítica da teoria marxiana, iniciada por Tronti e Bologna, fundada nas análises concretas das lutas operárias para constituir a compreensão do proletário, estão ausentes das considerações das análises ideológicas ou das análises da teoria crítica frankfurtiana. A crítica iluminadora de Tronti vai ultrapassar os limites da questão ideológica ou hegemônica nas lutas sociais ao recolocar o norte destas lutas na conquista da autonomia através da eliminação do proletariado por si próprio e a recusa do assalariamento como essência da dominação. Ressaltando o caráter constituinte face à produção do capital que cabe ao trabalho, ele vai delegar o plano de organização social ao esforço burguês e propor uma recusa da organização social como estratégia para a luta proletária. (TRONTI, 1976, pp. 263-287) As análises marxistas entretanto, deixam de fora de suas avaliações essas críticas - embora elas construam as bases da teoria contemporânea do capitalismo cognitivo - e mantém o materialismo histórico como farol intocado e imune, bem como o humanismo com sólida âncora do valor. Como se o homem não estivesse implicado na catástrofe do nazismo, fascismo e estalinismo e pudesse ser oferecido como elixir paregórico para toda perda de valor.

4. Cibercultura e biopolítica

Estas considerações levam ao segundo ponto da crítica, aquele em que emerge o problema da biopolítica. Esse problema nasce do debate entre história e cultura como esferas formadoras e emancipadoras. O materialismo histórico universalizava a formação das populações ressaltando o papel formador do trabalho coletivo mundial e a cultura universalizante por ele criada. A crítica de Frankfurt vai apontar a cultura de massa como insuficiente e alienadora e ressaltar a importância da resistência a esta formação gerada pela comunicação de massa aliada ao trabalho massificante das linhas de produção fordistas. O estruturalismo vai contrapor aos processos universalizantes e massificantes da indústria a formação cultural. Quando Lévi-Strauss nos diz que o índio - mesmo sem abundâncias materiais, deitado direto na areia para dormir sem maiores vestimentas - não está nu mas vestido e protegido por sua cultura ele ressalta a importância desta cultura como fonte de resistência. (LÉVI-STRAUSS, 2005, pp. 233-299) Os índios não se tornaram nazistas, fascistas ou estalinistas, como os operários europeus submetidos ao processo da indústria de massa e às pressões da pobreza trazidas pela crise do capitalismo.

Nos anos 60 Althusser integra a indústria e as empresas como aparatos ideológicos do Estado ao campo da formação cultural, apontando o caráter reprodutor da organização social que a cultura cumpriria. (ALTHUSSER, 1980, pp. 46-101) Foucault vai radicalizar esta noção formadora dos aparatos ideológicos posteriormente ao ressaltar o papel de uma política de controle da vida no seio do governo das sociedades contemporâneas. (FOUCAULT, 2008, pp. 155-180) Isto vem se somar à crítica do movimento Autonomia Operária - do qual participam Negri, Berardi, Virno, Agamben - quando ressalta a produção das subjetividades como a principal tarefa do capital depois das revoltas dos anos 60, transformando os grandes centros urbanos em fábricas sociais cuja tarefa era produzir a mente e o desejo das populações. A comunicação seria o meio através do qual essa formação se faria, fosse para produzir a integração e a aceitação consumista, fosse para produzir a resistência contestadora da cultura dos movimentos de jovens, de mulheres, de negros, de homossexuais. (NEGRI, 2005, pp. 231-290)

5. Comunicação, cibercultura e produção de subjetividade

Na esfera da comunicação contemporânea temos a partir deste debate duas vertentes de análise sobre o lugar e o papel da comunicação na formação individual e social. A primeira diz respeito aos processos irradiativos de comunicação centrada, sem interação direta entre recepção e emissão. Estes processos que se iniciaram com o surgimento da imprensa, e tem nas redes de TV atuais seu mais poderoso vetor de desenvolvimento, vão privilegiar a transmissão de informação no papel de elemento reprodutor da sociedade de forma a resguardar a continuidade de sua organização. O lugar e os papéis sociais são ciosamente transmitidos junto das informações que circulam socialmente, representando a positividade da ordem transcendente contida nesta organização. A segunda diz respeito aos processos distribuídos de comunicação amplificada em rede que permitem a interação direta e não fazem distinção estrutural entre emissor e receptor. Eles se desenvolvem nas interfaces e serviços de comunicação presentes na Internet e permitem que novos modos de viver e novas formas de agir sejam experimentadas e experienciadas, para além do caráter repetidor da reprodução do plano organizacional. Neste modo de comunicação o plano de composição pode se sobrepor ao plano organizacional gerando novos tipos sociais e novos acontecimentos. O poder de comunicação interativo privilegia os modos participativos de muitos entre si, para além dos modos representativos privilegiados na irradiação de um núcleo para muitos focos de recepção.

A comunicação sempre teve um papel individuador, presente na transmissão de informação. Se viver é viver com a informação adequada, essa adequação da informação para o desenvolvimento dos modos de viver deve ser entendida como sementes capazes de ancorar as interações dos meios com os tipos que nele emergem. Os signos lingüísticos semeiam mundos e modos de existir contribuindo para a individuação psíquica e social dos indivíduos. A partir da produção das máquinas inteligentes as empresas vão investir o trabalho humano na produção de subjetividades, através do trabalho simbólico, analítico, afetivo e inventivo, legando a produção das coisas à máquina inteligente. A questão da autonomia vira um problema biopolítico. Ou os coletivos podem produzir sua própria subjetivação e normalização através das redes interativas de comunicação distribuída - perspectiva multitudinária emancipatória - ou as populações estão submetidas aos processos massivos irradiativos de produção de pequenos fanatismo que deságuam no consumo de alta rotação e ilimitada variação superficial.

A crítica de esquerda ao assumir a perspectiva fenomenológica, de matriz marxista, que privilegia a consciência e a ideologia só vai considerar os processos em sua vertente massiva, operando em termos de alienação e desalienação, ideologia libertadora e opressora. O caráter mobilizador da mídia só é problematizado em termos da ideologia veiculada e os aspectos diferenciados da formação subjetiva dos coletivos aparece ou como um problema para a desejada unificação das lutas, ou como alienação de classe. Para que a pesquisa da Internet da subjetivação cresça é necessário enfrentar esse debate biopolítico, ao invés de evitá-lo. Mesmo uma recusa desta perspectiva não pode se fazer na ignorância da própria discussão.

Referências bibliográficas

ALCAIDE, Soledad. **Movimiento 15-M: los ciudadanos exigen reconstruir la política.** El País, online, 17/05/2011. Disponível: <<http://politica.elpais.com/politica/2011/05/16/actuali>

- dad/1305578500_751064.html>. Acesso em 20 de fevereiro de 2015.
- ALTHUSSER, Louis. **Posições - 2**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- ANTOUN, Henrique. **Web 2.0 e o Futuro da Sociedade Ciber cultural**. Lugar Comum – Estudos de Mídia, Cultura e Democracia, v. 14, n. 27, 2009a, p. 235-245.
- ANTOUN, Henrique e MALINI, Fábio. **A Internet e a Rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- ARTAUD, Antonin. **Escritos de Antonin Artaud**. Porto Alegre: LP&M, 1986.
- BURROUGHS, William. **Almoço Nu**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. **Nova Express**. Londres: Penguin, 2010.
- CASTELLS, Manuel. **Networks of Outrage and Hope: social movements in the Internet age**. Malden, MA: Polity, 2012.
- _____. **Communication Power**. Nova Iorque: Oxford, 2009.
- _____. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CLEAVER, Harry. **The Chiapas uprising and the future of class struggle in the new world order**. Common Sense, Edinburgh, n. 15, p. 5-17, abr. 1994. Disponível em: <<http://www.eco.utexas.edu/~hmcleave/chiapasuprising.html>>. Acesso em: 20 de fevereiro 2015.
- _____. **The Zapatistas and the electronic fabric of struggle**. In: HOLLOWAY, John; PELAEZ, Elof-na. (Org.). *Zapatista! Reinventing revolution in Mexico*. Sterling: Pluto, 1995. p. 81-103. Disponível em: <<http://www.eco.utexas.edu/~hmcleave/zaps.html>>. Acesso em: 20 de fevereiro 2015.
- _____. **Computer-linked social movements and global threat to capitalism**. Texas: Texas University, 1999. Disponível em: <<http://www.eco.utexas.edu/~hmcleave/polnet.html>>. Acesso em: 20 de fevereiro 2015.
- COCCO, Giuseppe. **MundoBraz: o devir-Brasil do mundo e o devir-mundo do Brasil**. São Paulo: Record, 2009.
- _____. **Trabalho e Cidadania: produção e direitos na crise do capitalismo global**. São Paulo: Cortez, 2012.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **O Anti-Édipo**. São Paulo: 34, 2011.
- _____. **Mille Plateaux**. Paris: Minuit, 1980.
- _____. **O Que É a Filosofia**. São Paulo: 34, 1993.
- DYER-WITHEFORD, Nick. **Cyber-Marx: cycles and circuits of struggle in high-technology capitalism**. Chicago: University of Illinois, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. **O Governo de Si e dos Outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. **A Coragem da Verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **The Politics of Truth**. Los Angeles, CA: Semiotext(e), 2007.
- GALVÃO, Alexander Patez; SILVA, Gerardo e COCCO, Giuseppe. **Capitalismo Cognitivo: trabalho, redes e inovação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GIL, José. **Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações**. Lisboa: Relógio d'Água, 1987.
- GROS, Frédéric (org). **Foucault: a coragem da verdade**. São Paulo: Parábola, 2004.
- GROS, Frédéric. **Situação do Curso**. In: FOUCAULT, Michel, *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 613-661, 2004.
- HARDIN, G. **The Tragedy of the Commons**. Science, n. 162, 1968, p. 1243-1248. Disponível em: <<http://dieoff.com/page95.htm>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2015.
- HIMANEM, Pekka. **The hacker ethic and the spirit of the information age**. Nova Iorque: Random House, 2001.
- LAZZARATO, Maurizio. **Revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LAZZARATO, Maurizio e NEGRI, Antonio. **Trabalho Imaterial: formas de vida e produção de subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- MARCOS, Sub-Comandante. **La quatrième guerre mondiale a commencé**. Le Monde Diplomatique, ago. 1997, p. 1 e p. 4-5. Disponível em: <<http://www.monde-diplomatique.fr/1997/08/MARCOS/8976.html>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2015.
- MINAR, N. e HEDLUND, M. **A Network of Peers: peer-to-peer model through the history of the Internet**. In: A. ORAM (ed.), *Peer-to-Peer: harnessing the power of disruptive technologies*. Sebastopol: O'Reilly, 2001, p. 3-20.
- MOISÉS, Subcomandante Insurgente. **Palabras del EZLN en el 21 aniversario del inicio de la guerra contra el olvido**. Chiapas: Enlace Zapatista, 01/01/2015. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2015/01/01/palabras-del-ezln-en-el-21-aniversario-del-inicio-de-la-guerra-contra-el-olvido/>>.

Acesso em: 20 de fevereiro 2015.

NEGRI, Antonio. **Books For Burning: between civil war and democracy in 1970s Italy**. Nova Iorque: Verso, 2005.

_____. **Marx Beyond Marx: lessons on the Grundrisse**. Nova Iorque: Autonomedia, 1991.

_____. **O Poder Constituinte: ensaio sobre as alternativas da modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **Commonwealth**. Cambridge, MA: Belknap, 2009.

PASQUINELLI, Matteo. **Capitalismo maquínico e mais-valia de rede: Notas sobre a economia política da máquina de Turing**. Lugar Comum: Estudos de mídia, cultura e democracia, UFRJ, n. 39, jan-abr, pp. 13-36, 2013.

REED, David. P. **Digital Strategy: Weapons of Math Destruction**. Context Magazine, ano 2, n. 1, 1999.

_____. **That Sneaky Exponential – Beyond Metcalfe’s Law to the Power of Community Building**. Context Magazine, ano 2, n. 1, 1999a.

RHEINGOLD, Howard. **The virtual community: homesteading on the electronic frontier**. Nova Iorque: Harper Collins, 1993.

_____. **Smart Mobs: the next social revolution**. Cambridge: Perseus, 2002.

RUSHKOFF, Douglas. **Coercion: why we listen to what “they” say**. Nova Iorque: Riverhead Books, 1999.

SALTZER, J. H., REED, David. P. e CLARK, D. D. 1984. **End-to-end arguments in system design**. *ACM Transactions on Computer Systems*, ano 2, n. 4, 1984, p. 277-288. Disponível em: <<http://www.reed.com/Papers/EndtoEnd.html>>. Acesso em 20/02/2015.

_____. **Comment on Active Networking and End-to-end Arguments**. *IEEE Communications Magazine*, ano 12, n. 3, 1998, p. 69-71. Disponível em: <<http://web.mit.edu/Saltzer/www/publications/endtoend/ANe2ecomment.html>>. Acesso em 20/02/2015.

SHAPIRO, Andrew. **The Control Revolution**. Nova Iorque: Public Affair, 1999.

SHIRKY, Clay. **A Cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

STARHAWK. **Como bloqueamos a OMC**. Lugar comum: estudos de mídia, cultura e democracia, Rio de Janeiro, NEPCOM, n. 11, p. 9-14, 2000.

TERRANOVA, Tiziana. **Network Culture: Politics for the Information Age**. Londres: Pluto Press, 2004.

TORVALDS, Linus. **Just for fun**. Nova Iorque: Harper, 2001.

TRONTI, Mario. **Operários e Capital**. Salvador: Afrontamento, 1976.

VIRNO, Paolo. **Virtuosismo e Revolução: a idéia de mundo entre a experiência sensível e a esfera pública**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.